

igunai



Lignum

entrevistas a

Filipe Cardinal | José Pinheiro

ilustração de capa de
Diana Giménez Figueroa



Março 2021
Coleção Cadernos de Campo, I

sumário:

1 Introdução

7 Filipe Cardinal

Vida

Arte

Matéria

33 José Pinheiro

Vida

Arte

Matéria

INTRODUÇÃO

Este é o primeiro título da coleção "Cadernos de Campo" que - por analogia com os registos de notas práticas feitos por cientistas, investigadores, geógrafos ou agricultores - visa coligir elementos biográficos de pessoas que se movem em territórios de fronteira.

Em "Lignum" (que significa madeira, em latim) publicamos duas entrevistas realizadas entre 2019 e 2020, nas faldas da Serra do Açor, a dois artesãos de colheres de pau:

- José Pinheiro, 48 anos, nascido e criado nas Luadas;

- Filipe Cardinal, 42 anos, oriundo do Porto e residente no Barril de Alva desde 2017.

Ambos utilizam a madeira como matéria prima, mas empregam ferramentas e técnicas distintas, tendo em vista a manufatura de produtos muito diferentes, porque diversa é também a sua proveniência e o percurso que os trouxe e os fez permanecer na Beira Serra.

As conversas que transcrevemos colocam em evidência essas diferenças, registando

histórias de vida nos seguintes contextos de fronteira:

- Entre o campo e a cidade

"À margem do bulício"

José Pinheiro é dos poucos beirões artesãos que resistiu ao êxodo rural dos últimos cinquenta anos, sendo o mais novo dos poucos que perpetuam hoje o ofício das colheres de pau no distrito de Coimbra.

No sentido inverso, Filipe Cardinal representa o movimento de jovens repovoadores, também denominados por neo-rurais, que migraram nas últimas duas décadas de grandes cidades, nacionais e estrangeiras, para zonas rurais da Região Centro.

Na sua entrevista, Filipe refere-se à necessidade de pequenas espécies prepararem os solos para o desenvolvimento de árvores cada vez mais possantes.

Aplicando as suas palavras ao fenómeno da desertificação humana, podemos dizer que, depois de décadas de migração para as cidades, fogos florestais, fome cultural e crise económica, estes novos rurais são como as giestas que "prepararam o solo" para

árvores que poderão, um dia, voltar a ser centenárias.

- Entre as artes e os ofícios

"Quem tem vagar faz colheres"

O artesanato rural vive à margem quer das denominadas "belas artes", quer do modelo industrial de produção de bens de consumo. Com efeito, sendo ignorado pelas elites artísticas urbanas, sistematicamente esquecido pelas políticas culturais democráticas e estereotipado pela folclorização, o artesanato como ofício está hoje em vias de extinção.

Esta realidade transparece no relato de José Pinheiro que, com quase 50 anos, é o mais novo dos três fazedores de colheres de pau que restam na Região Centro. Apesar de ter perpetuado o ofício familiar, não tem a quem passar este legado, dada a falta de interesse dos jovens locais pelas artes tradicionais.

Em contrapartida, Filipe provém de uma sub-cultura da classe média urbana que, embora não tenha experiência prévia em ofícios artesanais, deseja viver e trabalhar no campo, ganhando a vida com

o produto das próprias mãos. O "repovoamento" das zonas rurais com estas pessoas que escolhem mudar o seu estilo de vida poderá, num futuro próximo, compensar a perda dos negócios familiares e dos mestres artesãos que passavam os seus conhecimentos de geração em geração, de mestre para aprendiz.

Se o artesanato quase se extinguiu com a mecanização industrial dos processos de produção e a consequente migração para as grandes cidades, movimentos como o *Arts & Crafts* vieram no início do século passado resgatar o trabalho manual e fazer coincidir os conceitos de artista e de artesão, no que mais tarde se haveria de denominar por "designer".

Esta mudança de mentalidade veio a refletir-se, muitas décadas mais tarde, na (i)migração para o interior rural de Portugal de jovens urbanos que trouxeram consigo a revalorização do trabalho manual, da alegria e do prazer de fazer algo construído para durar, como reação à sociedade do desperdício e de produção em massa.

"Quem tem vagar faz colheres" é um ditado revisitado por Sílvia Léxico¹, aludindo aos pastores que faziam colheres em madeira enquanto guardavam o gado. O "artista dos campos" retirava a sua inspiração dos vastos campos e das horas passadas na solidão.

Este livro é sobre os que não trocaram o tempo pelo dinheiro, seja por não abandonarem as raízes como José Pinheiro, seja por regressarem à amplitude de horizontes como Filipe Cardinal. É sobre os que fazem coincidir num só território arte e ofício, encontrando nas colheres o seu vagar.

Mais do que o relato de vidas individuais, nos testemunhos que aqui se reproduzem interessa-nos descortinar alguns dos fatores demográficos, económicos e sociais que têm vindo a colocar o interior cada vez mais à margem dos centros de decisão política em Portugal.

¹ Léxico, Sílvia do Carmo Marcelo (2014) - Arte pastoril: alfabeto gráfico. Disponível em:
<http://hdl.handle.net/10174/23073>

Possa este Caderno contribuir para registrar o desejo de que as tradições que ainda persistem e as novas sinergias recém-chegadas a estes territórios periféricos, se possam transformar em "alternativas de vida alternativa" para as comunidades que querem fazer das Beiras o seu futuro.

As entrevistas a Filipe Cardinal e José Pinheiro que se reproduzem em seguida, são uma transcrição do discurso oral, sem qualquer tipo de edição.

As perguntas que guiaram as entrevistas estão grafadas a itálico.

FILIPE CARDINAL



Mudámos para aqui, para a aldeia, porque já andávamos a sonhar com isto há muito tempo...

Outro sonho antigo era os trabalhos manuais, eu sempre gostei muito de fazer coisas com as mãos, mas nunca tive grande hipótese de desenvolver esse gosto, para além das aulas de trabalhos manuais. Frequentei o curso de Educação Física, mas desisti no terceiro ano, porque tinha uma média baixíssima e sabia que nunca iria ter colocação como professor.

Na altura eu escalava e já andava muito na montanha, pelo que quando deixei o curso, com 21 anos, montei uma empresa de trabalhos de acesso por cordas para lavar vidros e depois vieram inúmeros outros serviços em altura, como inspeção em chaminés de fábricas, etc .

Há mais de 10 anos fiz um curso de permacultura, até foi aqui perto, em Tábua,

na Quinta da Cabeça do Mato. Foi um curso de quinze dias, muito abrangente e intensivo. No decorrer do curso percebi:

"ok, isto é a resposta! Ando aqui na azáfama diária mas realmente o que eu quero, lá no meu íntimo, é mesmo isto, é ligar-me à natureza."

Não tendo hipótese de saltar logo, comecei a cultivar no Porto, onde podia: no quintal de um amigo. Cheguei a ter três ou quatro hortas e a ajudar as pessoas a fazer as suas hortas em casa.

Começámos a tirar daí os nossos alimentos e, pouco depois, a procurar ao redor do Porto, não abandonando os nossos trabalhos. Procurávamos um terreno situado até 50 km do Porto, para dar para ir e vir, para continuar na azáfama. Ainda não tínhamos percebido que nós tínhamos era que sair da dita "civilização".

A Cláudia era professora e eu, como fui muitos anos patrão de mim próprio, a minha semana só tinha 4 dias, de segunda a quinta. À sexta-feira, "ala moleiro para o monte" - sempre a escalar e a passear - e só vínhamos domingo à noite.

Só que, como não nascemos em berço de ouro e os preços tanto no Porto como nos arredores nunca foram para o nosso bolso,

percebemos que não conseguíamos comprar ali ao redor do Porto.

Por isso começámos a passear por Portugal, à procura de onde nos poderíamos instalar. Estávamos já assim numa onda um bocadinho utópica, já a perceber que a nossa passagem tinha mesmo de seguir para outro lugar e sairmos dali. Até porque, nessa altura, eu estava a trabalhar numa empresa que não tinha um posto físico fixo, andava por empresas no sul, centro e norte do País, em Espanha e em França. Portanto, tanto fazia morar no Porto ou morar em Coimbra, na Guarda ou em Vila Real de Santo António, desde que fosse perto de um aeroporto já me servia.

Num encontro de primos em casa da minha Tia, em Constância, encontrei a Rita, minha prima em segundo grau, e que estava com o Pedro, um rapaz que eu já conhecia da escalada. Eu já não via a Rita há muito tempo, porque ela esteve emigrada na Alemanha, desde que acabou o curso de Economia. E eles disseram: "Olha, comprámos um terrenozinho em Barril do Alva e aquilo é fixe. Até tem lá uma escola *Waldorf*".

A nossa filha Adelaide tinha nessa altura dois ou três anos e nós já conhecíamos o conceito de escolas *Waldorf*. Ficámos entusiasmados, viemos ter com eles e

ficámos por seis meses ali no terreno a viver numa tenda...

Entretanto vimos o terreno que viríamos a comprar e apaixonámo-nos logo... mas tivemos ainda de voltar ao Porto, onde estivemos um ano a acertar as coisas e a juntar mais uns cobsres.

Vimos para cá definitivamente em maio de 2017. Alugámos uma casa em Coja e metemos a Adelaide ali no projeto *Waldorf*, onde ela já tinha estado um ano antes, durante a nossa estadia de seis meses. Alugámos uma casa porque sabíamos que para escolher o terreno tínhamos de vir viver para cá. Nesse verão começámos à procura, pois o terreno de que tínhamos gostado era, nessa altura de pré-fogo, muito caro. Até setembro vimos várias coisas e em outubro dá-se o incêndio.

Nessa altura já tínhamos percebido que aqui havia muito mais do que o projeto educativo e que era muito mais do que terra ou de que meia dúzia de "gatos pingados" da nossa onda. Começámos a perceber que havia mesmo muita gente interessante aqui, maioritariamente são estrangeiros: ingleses, alemães, holandeses, italianos, australianos. Entrámos em contacto com imensos projetos e iniciativas e, neste momento, posso dizer que temos aqui mais

atividade social do que tínhamos no Porto, porque estão sempre a acontecer coisas e tu não consegues ir às festas todas, nem a todos os eventos, porque são muitos...

Costumo dizer que estamos no centro dos três concelhos: Oliveira do Hospital, Arganil e Tábua. Parece que aqui é o ponto de passagem, toda a gente se conhece. E agora está a vir ainda mais gente, estão a comprar imenso... somos já centenas e há imensas crianças.



Figura 1 - Coreto do Barril de Alva

A escola *Waldorf* do Barril entretanto cessou atividade, mas há dois anos começou um projeto novo na Benfeita, que se chama *Folha Verde*. Agora, na escolinha do Barril vai surgir um novo projeto educativo para mais vinte crianças. E ainda há algumas nas

escolas de Coja, Tábua e Oliveira. Normalmente os estrangeiros têm mais crianças do que os portugueses, têm duas no mínimo e 3 em média.

Voltando atrás... veio o fogo e eu ainda estava a trabalhar na indústria termoelétrica, cimenteiras, papelerias, a fazer serviços de inspeção ligados às alturas (chaminés, etc). Como sou muito curioso conheço os "podres" de grande parte da indústria portuguesa e costumo dizer que trabalhava para os antagonistas das minhas convicções. Enfim, eu nessa altura ainda trabalhava e a Cláudia também ainda como Professora (como a Cláudia vende artesanato no Porto, nunca deixou de trabalhar) e o terreno que acabaríamos depois por adquirir mesmo queimado, pois continuava a chamar...

O terreno é aqui muito perto, a cinco minutos a pé, aqui por trás. É aquele terreno que dá para ir em cinco minutos de bicicleta comprar pregos a Coja, em que estás na aldeia, mas não estás porque mal dás ali a curva no vale da ribeira que vai por aí acima, parece que saís...

Como estava sempre aquele bichinho do terreno a picar-nos, resolvemos ligar aos proprietários e fazer uma nova proposta de compra. Os proprietários aceitaram vender

e em junho de 2018 começámos a trabalhar no terreno.

Isso deu-me alento para cortar relações com o meu trabalho diário e, em janeiro de 2019, despedi-me.

Voltando aos trabalhos manuais, como se inscrevem neste contexto?

A minha vida profissional e de escalador desviou-me um bocadinho desse caminho, mas há cinco ou seis anos, estava a fazer umas pesquisas na net e vi um tipo inglês (que se chama Robin Wood) a resgatar técnicas ancestrais para fazer taças, com origem na cultura viking. Por causa das invasões nórdicas, os ingleses ficaram com muito dessa cultura: os utensílios de madeira que se usavam na Idade Média, a cultura das colheres, o torno medieval, etc.

E ao fazer as minhas pesquisas percebi que isto vem de lá dos nórdicos e sabe-se lá quantos milhares de anos tem... Há quanto tempo não esculpirá o Homem peças extremamente bonitas, mas também práticas e funcionais?... E isso fascinou-me muito. Ao ver os primeiros vídeos no YouTube pensei logo:

"Ei, eu adorava comer numa coisa daquelas!"

Comer numa taça daquelas uma boa sopa, não é?! Enfim... e ficou aquilo, ficou, ficou, ficou, eu fui vendo mais vídeos e colhendo informação, mas só quando mudei para aqui é que tive condições para começar a trabalhar a madeira. Já há muitos anos que o queria fazer mas, como vivíamos num apartamento no Porto, não tinha condições para isso. Mesmo em Coja também era uma casa pequenina, mas foi aí que comecei a fazer colheres.



Figura 2 - Espátula feita por Filipe Cardinal

Por isso comecei a fazer colheres mais cedo do que taças, pois dava para fazer assim num cantinho, com um cepo e umas facas. Comprei as primeiras facas e, entretanto, fiz algumas ferramentas, pois trabalho com a forja.

Comecei a fazer as colheres, a desenvolver a técnica, e nessa altura tive contacto com um senhor dos Pardieiros, que

é o Jorge, que faz colheres tradicionais. Nessa altura estive numa feira ali em Coja, à conversa com ele. No final até fui a casa, porque nós morávamos ali mesmo no centro de Coja, buscar as minhas primeiras quatro ou cinco colheres para lhe mostrar.

O Jorge faz um trabalho semi-industrial, pois corta as peças, depois pega no machado e no legre e faz uma taça. Tem de ser assim, para elas custarem 2 e 3 euros. Quando fui buscar as minhas peças e lhe mostrei, ele ficou assim a olhar e disse:

"...pois, eu não faço nada disto..."

"Pois, eu sei, eu não vou concorrer" - respondi eu, porque a páginas tantas comecei a vê-lo ali um bocadinho na retranca e foi quando eu disse:

"Espere lá, você não está a entender, eu vou a casa buscar as minhas, para lhe mostrar o que é que eu faço pois é diferente do seu trabalho. Eu gostava muito de aprender consigo as técnicas, até para replicar a colher tradicional, porque cheira-me que quando você for elas vão consigo, não é?!"

Ainda há o Zé Pinheiro², ali da Benfeita, que faz colheres, mas também não é a profissão dele. Neste momento, aqui na área

² José Pinheiro, o segundo entrevistado deste livro

já só há duas ou três pessoas, mas o Jorge é o único que faz disto profissão.



Quando viemos para esta casa no Barril, para aí há dois anos, finalmente pude arranjar um sítio para montar uma coisa destas: um torno medieval.

Andei à procura da oportunidade de ir a Inglaterra ter uma formação, mas é tudo muito caro e tirei logo isso da ideia. Vejo e observo os vídeos, leio alguma literatura que arranjei, mas como é difícil encontrar literatura específica, a formação que tenho veio muito da observação de vídeos, sobretudo ingleses, pois esta onda está um bocadinho ao rubro. Lá fazem festivais que esgotam em dois dias, são os *Spoon Fest*, que incluem workshops que também esgotam logo.

Este torno serve para fazer as taças, é um torno recíproco, o que quer dizer que é alimentado com energia do pé, tem aqui um pedal.

Daquilo que li, nos primórdios, na época medieval, na Inglaterra, na Noruega, Dinamarca, etc, o que utilizavam era os

tornos portáteis para levarem para a floresta. Quando iam para a floresta, arranjavam lá um cantinho, marcavam as árvores que queriam e ficavam lá a trabalhar. Tinham uma tenda, iam marcando as árvores de que fossem necessitando e iam fazendo as taças no local. O torno portátil tinha essa função: poder fazer as taças em qualquer local.

Eu estou a pensar fazer um torno portátil para levar quando começar a ir para feiras, de modo a que me possam ver trabalhar, mas de momento ainda não estou a fazer para vender, pois estamos a reconstruir a casa lá em baixo e essa é a prioridade.

Este meu torno tem dois paus que, caso fosse portátil, seriam substituídos por o ramo flexível de uma árvore... e esse é o meu grande objetivo, percebes? É encontrar uma árvore, como o marmeleiro que é das mais flexíveis e resistentes, ir para a sua sombra e trabalhar.

Também ainda não encontrei a corda ideal, mas o que quero é que ele me dê isto: não está sempre a rodar, eu enrolo aqui o mandril e ele encaixa aqui entre os dois pinos. Isto para te explicar o que é o "recíproco": eu carrego e ele roda para mim; quando largo, ele roda para lá. Eu só trabalho a peça quando ele roda para mim e

isto foi das coisas que mais me fascinou, sabes? Não é ligares um botão, aquilo começar a rolar e tu encostas a peça, mas nem sentes.



Figura 3 - Filipe Cardinal e suas taças

Para fazer as colheres tens de seguir o veio, a linha da força da madeira, porque se dás um golpe mais e não o segues, a peça vai estalar. Uma coisa que eu lia, mas não compreendia muito bem, era quando os autores diziam que "a colher já está no tronco, tu tens é que a tirar". Aquilo não

me fazia sentido, como é que a colher está no tronco? A colher está onde eu quiser...

Só depois, por tentativa erro é que compreendi. É uma coisa que distingue o meu trabalho da colher tradicional, que sai sempre naquele formato. Mas mesmo nas colheres tradicionais se aplica, pois eles só tiram a madeira numa certa zona do pinheiro, em que sabem que o veio é direitinho, não há curvas, não há nada, que é para sair sempre, sempre naquele formato.

Agora já estou a fazer as colheres mais rápido, dantes demorava mais tempo. Entretanto também comprei algumas ferramentas e fiz outras que me ajudaram nesse sentido.

Depois, vieram as taças e as taças é que me fascinaram. Fazer uma taça como esta é um exercício mais complexo do que fazer colheres, embora uma taça pareça muito mais simples...

Tenho aqui mais exemplos, são taças que não estamos a usar, foi para experimentar várias madeiras. Por exemplo, esta já foi cortada quase há um ano e eu acho que está no ponto, porque ainda não está seco, mas também não está molhado.

Com as colheres o ideal é esculpir mal se corta o ramo, porque está verde. Em verde

tira-se muita densidade, tem aqui muita matéria. No espaço de uma semana ou duas, a madeira acaba por equalizar - não é secar, é equalizar - e nessa altura é mais fácil dar com a faca nestes contra-veios e dar-lhe o toque final.

As taças, como dizem os ingleses, têm de estar "mellow", a madeira tem de ficar "mellow". Eu já procurei o melhor termo em português, mas não consigo encontrar. E o que é "mellow"? É um conceito que se perdeu no espaço de quatro ou cinco gerações, porque a cerâmica em 30 ou 40 anos abafou tudo o que era utensílios de mesa de madeira. Quando a cerâmica apareceu no mercado, as técnicas e os termos começaram a desaparecer e muito do "know-how" acabou por ficar perdido.

Voltando à equalização, não faz sentido nenhum usar verniz, nem fazer as desidratações rápidas que a indústria madeireira faz, porque a madeira é um elemento vivo e mesmo depois de cortada tem um comportamento vivo.

Por exemplo, esta taça foi mal equalizada, mas se eu a mergulhasse em água ela voltaria muito rapidamente ao estado normal, à forma mais circular, porque ela também desidratou de forma muito rápida.

Quando as fibras desidratam rápido, a madeira sofre contrações. Por isso tem de secar devagarinho e, para isso, envolvo as taças com aparas que saem do torno e ficam ali debaixo a equalizar, sobretudo no verão, para evitar que seja muito rápido. Ou então embrulho-as em jornal e coloco-as no chão, por isso é que adoro este chão de terra, é um chão frio, fresco.

Resumindo e concluindo: é torneiar a madeira no tempo certo e depois equalizar. E do corte ao comer sopa, pode passar um ano e meio.

Mas não fazes só uma taça de cada vez, pois não?

Eu ainda não vivo disto, mas, sim, faço várias ao mesmo tempo: umas uso, outras vou oferecendo...

Mas vamos lá acima para eu vos mostrar as que já fiz e que estão a uso, para ver como resultam. Tenho de fazer experiências, pois não tive (nem tenho) nenhum mestre e isso faz-me muita confusão. É difícil para mim arranjar um mestre na área, a única alternativa seria pagar um balúrdio por workshops de dois dias em Inglaterra... Mesmo assim nunca iria ser um mestre, pois depois voltaria para aqui e continuaria

desacompanhado. Por exemplo, eu gostava muito de poder acompanhar o Jorge ou outra pessoa daqui da terra durante dois ou três dias, só para poder estar a vê-los.

Mas vamos lá acima ver as taças que estamos já a usar há mais de um ano para ganhar experiência. Isto porque se eu amanhã te vender uma peça, quero poder dizer-te: "olha trata-a deste modo, não a deixes cair, lava-a assim, deixa-as secar com estes cuidados."

Vamos lá, então!

Ora aqui estão elas. fiz este armário na sala de propósito para as pôr a secar, pois não podem ficar amontoadas, nem ser guardadas húmidas nos armários.

Lembram-se dos armários, para louça da nossa infância, que eram abertos ou com rede e furados por baixo? Isso ainda é um resquício dos tempos em que a louça não era de cerâmica. Os armários nesse tempo eram ventilados por causa dos utensílios de madeira.



A madeira que eu mais gosto de usar é de fruteiras, só que é a mais difícil de arranjar. Às vezes aqui na aldeia há malta que "se despacha" de fruteiras antigas e eu recolho essa madeira.

Este tronco, por exemplo, é de nespereira. Já o tinha aí há algum tempo, está cortado há um ano e não estala. é superdenso. Este outro é cedro e está cheio de nós.

Geralmente uso a madeira que me vem à mão, mas agora estou a seleccionar um bocadinho mais. Já fiz algumas colheres de oliveira, mas são muito duras. Por isso, agora, estou a trabalhar essa madeira com máquinas. Mas é raro fazer peças com oliveira, porque é muito rija e dá cabo das lâminas todas, os veios são demasiado tortos, encontras muitos nós. estás a ver. Isto é loureiro, também é super duro, mas aqui basta encontrar, por exemplo, um ramo como este, vê's? Este dá para fazer uma colher, aliás ela está aqui já, vê's? Aqui está o cabo, aqui a concha. Neste caso o processo já está mais orientado, porque sei que tenho

os veios todos orientados, mas às vezes ainda encontro algumas surpresas.

Qual é a melhor madeira?

Aqui na zona eu acho que das melhores madeiras para fazer taças é o plátano. É muito fácil arranjar plátano, porque todos os centros de aldeias, vilas e cidades têm essa árvore, mas é uma árvore emergente, que quer ir aos 50 metros de altura, e por isso estão sempre a cortar os plátanos e oferecem-me porque é uma madeira de que ninguém gosta, porque torce bastante, fica muito rija, mesmo em verde é difícil de rachar.

O plátano era muito usado também no século xvi e xvii mesmo em Inglaterra, depois começou a ser substituído pela faia e pela bétula, mas nunca desapareceu pois é super resistente, cresce relativamente rápido e é muito denso.

O eucalipto é parecido, cresce ainda mais rapidamente do que o plátano e também é uma emergente, quer ir lá para cima, gosta de sol no "cucuruto" e nas "orelhas".

Nisso o plátano é igual. Ambos vão tendo uma torção, para a resistência, pois se fossem árvores aprumadas o vento deitá-las-ia abaixo. Ao contrário, do cedro, por

exemplo, que é muito frágil, é uma árvore de florestas mais densas, que gosta de estar mais abrigado pelas outras, pois se estivesse mais isolada teria mais dificuldade com o vento.

As fibras e os veios do plátano vão fazendo uma espiral por ali acima, o que faz com que se aguarde belo e formoso no meio do nada. E eu acho que isso acontece por causa dessa característica, da torção das fibras. Por isso é uma árvore muito usada em taças, mesmo em Inglaterra, porque não deforma muito.

Podem ver esta taça aqui por exemplo, tem dois altos (*bumps*) por causa da expansão radial, porque não foi bem equalizada e tende a criar tensões. Mas se o plátano for bem equalizado nunca racha.

Para mim uma taça tem de dar para comer sopa. Se não, não é uma taça. Pode dar para pôr pedrinhas, florzinhas, mas se não der para comer sopa não é uma taça. É aquela coisa que levas debaixo do braço, bates à porta de alguém e pedes:

"Olhe, meta aqui uma sopa, por favor..."

Esta por exemplo não dá para comer sopa, porque tem um nó. Apareceu-me a meio, devia ser um ramo mais antigo. E não tem sentido

nenhum colocar aqui cola para tapar o buraco.

A faia também é madeira boa, pois é uma árvore que vai muito mais aprumada, tem menos tendência a formar múltiplos ramos e por isso consegues aproveitar muito mais e não corres este risco de encontrar nós.

Olha aqui as taças de cedro, vê o peso... Esta é de plátano e tem uma rachadela, portanto também já não dá para comer sopa.

Vejam bem a deformação desta taça, foi feita demasiado verde e já não é circular, está oval. Esta taça é de tília, é uma madeira bastante mole, o que não é muito bom para fazer taças, até porque no contra-veio nunca se consegue um golpe muito limpo. A favor do veio até consegues, o formão corta bem, mas ao contrário começa a esfarelar pois vai contra as fibras.

Queria mostrar-vos, agora, estas taças que têm uma grande relação com o fogo. Quando andei a limpar o terreno e tirar as árvores queimadas, reparei que havia muitas oliveiras queimadas com mais de cem anos e que o fogo tinha "comido" pela metade e fez logo este formato. Logo na primeira que comecei a deitar abaixo, assim que caiu ao chão vi logo que estavam ali taças, que o fogo já as tinha esculpido e que eu tinha

de as aproveitar, não podiam ir para a lareira, tinham uma história, tinham a memória do fogo...

Se querem que vos diga, não tive de cavar muito, só lhes dei uma forma mínima. Estas são peças feitas pelo fogo. Primeiro faço à motosserra para tirar o mais cru, depois coloco uma peça especial para madeira na rebarbadora para comer um bocadinho mais e depois dou lixa. Dá para deixar em todas uma memória do que realmente era a árvore, para se perceber que é a parte de fora.

Estas peças são feitas de uma forma muito mais rápida do que as taças que vos mostrei lá em baixo. Estas foi o fogo que as fez, estão a ver, o fogo ardeu até aqui e eu só cavei um bocadinho mais e deixei ali a memória da própria oliveira.



Figura 4 - Taças na oficina de Filipe Cardinal

Isto é incrível, eu cada vez que olho para uma oliveira vejo um mapa, mas não é um mapa terrestre, é um mapa de estrelas, de constelações, nem sei bem..

É uma árvore que tem uma vida incrível, porque cortas, podas e ela dá imensos raminhos e depois é isto... Quantas mãos já passaram por esta árvore? Quantas vivências, quantos namoros aconteceram à sua sombra? Se calhar neste raminho está Deus, não sei..

A mim encham-me estas peças de oliveira, não há nenhuma igual, nem nos veios, nem nas cores. E quando lhe metemos o óleo de linhaça a cor da madeira deixa de ser tão seca e crua, é como se estivesse a destapar o mapa e vai aparecendo tudo muito mais bonito do que se estava inicialmente a ver.

É muito interessante. Apesar de gostar mais do processo das taças, esta é uma oportunidade única, pois não terei tão cedo oliveiras centenárias para fazer isto, não é?!

Mas há oliveiras que não arderam assim tanto e eu cortei-as bem direitinhas e estou a construir um abrigo, uma casa em forma de hexágono, para guardar a memória dessas árvores. Cortei-as e não as desfiz, fui seguindo os troncos e coloquei-as ao

alto na forma de hexágono, com dois postes centrais a fazerem de pórtico.

A mim fascinam-me as árvores com mitologia e entristece-me a falta de respeito da humanidade para com elas. Há um ano e meio fomos à herdade de Freixo do Meio, ali no Ribatejo, éramos cerca de 100 pessoas a abraçar uma azinheira com 4000 anos, era uma árvore com uma energia tão potente, que o desrespeito por essas árvores só pode resultar de não as plantarem. As pessoas acham que demoram muito tempo a crescer e dizem "isso já não é para mim". Mas ainda bem. Ainda bem...



Figura 5 - Pinheiros na Serra do Açor

Eu já plantei tantas faias e tantas oliveiras. a faia demora 50 anos a dar a primeira semente, eu já não vou estar cá

para ver a semente da faia, mas é por isso mesmo que tem sentido...

Para terminar queria mostrar-vos mais uma peça - esta que é de um amieiro queimado, está todo tortinho. Ora o amieiro não é mitológica, é uma árvore rápida, vai e vem, para poder dar solo, pode viver até 200 anos e depois cai, vai enriquecer o solo, porque por baixo vai ter um castanheiro ou um carvalho, que viverá mais mil.

Isto porque todas as árvores vêm numa sucessão, precisam de companhia de outras árvores, plantas, arbustos que vão criar o solo para que eles vivam depois.

A floresta é como o mar: vem a giesta, não há solo, é tudo muito rochoso; logo a seguir vem o amieiro ou o salgueiro, que podem viver até 400 anos; logo abaixo está o castanheiro que demora mais tempo a desenvolver-se, mas que no início vai gostar do companheirismo do amieiro e da sombra do salgueiro e todas elas deixam cair folhas que vão alimentando o solo, criando almofadas de matéria orgânica, que ajudam a desenvolver castanheiros, sobreiros e oliveiras que podem durar milhares de anos.

Ora quando o castanheiro começar a ficar decrépito, ainda está a começar a vida. Para nós esta velocidade é incompreensível, mas se a nossa existência fosse de 10 ou 15 mil anos, tudo seria claro.

As árvores com ciclos de vida mais curtos, como os choupos, criam as condições para árvores com ciclos mais longos e quando uma árvore de ciclo longo acaba, com ela morrem muitas outras árvores, formando-se as clareiras e começa tudo de novo.

São como ondas do mar, mas a uma velocidade muito mais lenta.

Eu não acredito no tempo que nos impuseram e que nos faz não ver as árvores, não observar as leis da natureza e não nos vermos como um ser muito simples integrado no meio de tudo isso. É por isso que não plantamos as árvores mitológicas, porque não acreditamos.

JOSÉ PINHEIRO



Então, Sr. José Pinheiro, conte-me lá o que faz...

Faço colheres de pau e casinhas em xisto, artesanato em xisto.

E é daqui de Pardieiros? Sempre teve este ofício?

Não, sou das Luadas e sempre vivi nessa aldeia.

Com 48 anos, sempre vivi nas Luadas e sempre do artesanato. Primeiro das colheres, depois houve um interregno nas colheres e trabalhei mais no xisto. Hoje trabalho mais nas colheres do que no xisto, outra vez.

Tinha 15 anos quando comecei no ofício, portanto há 33 anos. Comecei a fazer isto porque na altura era o emprego que havia. Algumas pessoas dedicavam-se a isso e no

meu caso já vinha do meu Avô, do meu Pai.
e eu continuei a arte.

Então aprendeu com eles?

Não, curiosamente não. Acabei por aprender num curso de formação profissional, ia fazer 16 anos, na CERCOL, em Coja.

Em pequenito via-os a fazer, mas a gente a ver não aprende, tem de ser a trabalhar e com as ferramentas..

E depois é a continuação, porque se acabamos um curso e paramos... depois já não se consegue mais ganhar o ritmo.

Eu depois da escola, continuei nas colheres sempre até aos 23 anos. Depois, aos 23, comecei a fazer algumas peças em xisto. Na altura havia pouca gente, ou nenhuma, a fazer xisto.

Começou-se a vender as casinhas, porque era muito mais rentável do que as colheres de pau e abandonou-se as colheres. Mas, se fosse preciso fazer uma demonstração ou uma feira, sempre estive disponível para isso, mas nessa altura dediquei-me mais ao xisto.

Entretanto, de há meia dúzia de anos para cá, começou a haver muito pouca feitura de colheres, os artesãos começaram cada vez

a ser menos. E neste momento somos só 3 na Freguesia da Benfeita. Fora da Benfeita não há colheres de pau artesanais, é um artesanato característico daqui.



Figura 6 - Gravador e caderno de notas para a entrevista nos Pardieiros

*Dos artesãos que existem, é o mais novo?
Gosta do que faz?*

Sou o mais novo a saber fazer e tenho 48 anos, em vias de 49. E sou o mais novo, não há mais ninguém. Mesmo do meu curso, ninguém seguiu o ofício, só eu.

Segui porque era arte de família, já vinha do meu Avô e do meu Pai e depois continuou-se. Sim, gosto, gosto, se não gostasse não tinha vindo para isto. É claro que nós para tirarmos um ordenado temos que

trabalhar não oito horas, mas doze por dia no mínimo.



E o que é que caracteriza as colheres de pau da Benfeita? É o tipo de madeira, é a maneira de fazer?

É a feitura. Como estas não há em mais lado nenhum do País. Há outras manuais, que não se pode dizer que sejam de fábrica, eu conheço a produção delas, mas é uma colher completamente diferente, é acabada com lixa enquanto a nossa é acabada com ferramentas, o que é totalmente diferente.

Nós só utilizamos quatro tipo de ferramentas: a machada, uma enxó, a faca das colheres (faca côncava) e uma legre, que é para fazer o acabamento por dentro. E mais nada, só utilizamos estas quatro.

As outras colheres são feitas em serra, em série, e depois são acabadas também em série numa lixadeira. Eu, por acaso, conheço

esses processos de fabrico e também acabo por comprar dessas quando se faz feiras, levamos das nossas e também levamos das outras.

Quanto tempo demora a fazer uma colher?

Depende do tamanho, temos colheres de 25 cm a 1,80 m, é muito variável. De 25 a 30 cm podemos fazer 60 a 70 num dia, mas se for de 1,80 m fazemos três ou quatro num dia, nesse caso não é possível fazer mais até porque é preciso puxar muito à machada e o corpo não aguenta.

O corpo aguenta mais nas mais pequenas do que depois nas grandes.

Agora, as grandes são mais rentáveis a nível de tirar um ordenado, mas neste momento temos essa dificuldade de não ter madeira.

Eu neste momento tiro a um artesão, já reformado, que ainda vai fazendo colheres (não muito mas ainda vai fazendo), sou eu que lhas vendo, é uma forma de complementar a reforma dele, mas não é só por causa disso, é que neste momento não há colheres no mercado.

Há mais procura do que oferta, mas não podemos aumentar os preços, porque os das

outras colheres estão muito baixos e nós não podemos levantar o nosso muito. A nossa ronda o dobro do preço da outra, mas mesmo assim não podemos estar a levantar os preços mais do que isso, se não depois também não se vende e quem faz a revenda depois não compra.

Mas está complicado, eu recordo-me que na nossa freguesia havia aí 30 artesãos de colheres de pau.

Isso há quantos anos, mais ou menos? Quando é que começou a decair?

Começou a decair quando foi de um fogo em 1984, está ligado ao fogo. Houve um incêndio grande e nessa altura houve artesãos que ficaram sem madeira e foram para a cidade, para Lisboa.

Os outros com o tempo, foram falecendo, falecendo... nunca mais veio ninguém novo e hoje está reduzido a três pessoas. Para além de mim, há um que é daqui dos Pardieiros, tem 73 ou 74 anos; há outro que é familiar dele e tem 64, 65 anos. Este ainda é o que faz mais, dedica-se quase 100% a isso, faz feiras e trabalha só nisso. O mais velho é reformado, faz aos bocaditos, não é no dia a dia. tem lá um bocado de madeira, faz, não tem madeira, não faz, pronto. E sou eu, que

também não trabalho nisto a tempo inteiro, porque sou presidente de Junta, o que também me ocupa o tempo.

E também faz as casinhas?

Também faço as casinhas, mas estão praticamente paradas, porque com a cola ao longo dos anos apanhei aqui um problema na garganta. Nós usamos cola de sapateiro e esses odores também não dão saúde, por isso teve-se de abandonar. Ficou só para as horas livres. A minha profissão passou a ser só as colheres.

E do trabalho, em si, qual é que gosta mais?

Olhe, é assim: das casas eu gosto mais, porque é um trabalho muito mais criativo, consegue-se fazer peças muito diferentes. Porque se cria, está-se a criar e a fazer diferente.

Mas eu também com a madeira faço outras peças, aquelas renas por exemplo fui eu que as fiz. Quando é nesta altura faço bonecos de Natal, presépios em xisto, no resto do ano faço moccas para os estudantes e o resto é colheres.

É pena não haver seguidores para a arte ou pelo menos que os poucos miúdos novos

aprendessem, porque ainda têm as ferramentas dos avós.

Qualquer miúdo com 20 anos, que também por aqui há poucos (muito poucos...), tem avós com ferramentas, porque antigamente toda a gente aqui fazia colheres.

Podia não ser a tempo inteiro, mas acabavam por fazer à noite no serão e, na altura, todos tinham ferramentas.



Figura 7 - José Pinheiro e suas colheres nos Pardieiros

Essa ocupação com as colheres acontecia por toda a Serra?

Não, só aqui na freguesia da Benfeita: nas Luadas, nem tanto; aqui nos Pardieiros,

sim, bastante mais; no Sabugal, no Enxudro...

Estão desertas essas aldeias, não têm gente. No Enxudro ainda há um artesão, que é funcionário da Câmara e que andou no mesmo curso que eu andei, mas não faz uma colher, porque não tem madeira, não tem matéria-prima. Às vezes até lhe digo:

"Ó Sérgio, faz lá umas colheres, à noite entretém-te, eu tiro-te as colheres todas não te preocupes, ao fim da semana ou ao fim do mês, tens lá um cento de nº 1 ou nº 2 e eu vou-tas lá buscar..."

Mas ele não... já não lhe dá para isso.

Esse número que dão às colheres é conforme o tamanho?

Sim, nós temos o nº 0 que é a Coimbra, mais ou menos 20 cm; o nº 1 que é a Fina tem cerca de 27 cm, mais coisa menos coisa; o nº 2, que é a Marroquina, tem 30 cm; o nº 3, que é o Butão, tem 33, 34 cm; o nº 4 que é o Porto tem 39 cm, o nº 5 que é a Meia tem 44 cm.

Eu introduzi uma aqui no meio com 50 cm, que não tem nome específico. Depois tenho nº 6, de 60 cm, que é a Rabuda. As

maiores não têm nome, são de 80 cm, 1 metro, 1 metro e vinte, 1,30 e 1,80 m.



Figura 8 - Colher de pau tradicional feita por José Pinheiro

Criei mais um número, a colher de 50 cm, porque nós víamos que estragávamos madeira. Nós trabalhamos de nós a nós e, por exemplo, cortávamos um rolo de 44 cm e dava para 55 cm, mas já não dava o 60 cm. Por outro lado, nas feiras nós vamo-nos apercebendo do que nos vão pedindo e faltava ali uma colher no meio, porque de 44 a 60 cm vão 16 cm e faz diferença para mexer qualquer coisa. Foi por isso que pensei meter aqui uma de 50 cm, aproveita-se mais a madeira. E hoje, por experiência, tirando a nº 1, a nº 2 e a nº 3, essa é a colher mais vendável. É a tal colher que faltava no mercado e hoje é a colher mais vendável.

E esses nomes toda a gente as conhece assim? E de onde é que vêm?

Toda a gente as conhece assim. Os números foram aplicados para passar as faturas, porque antigamente ninguém conhecia por números. Era Coimbra, Meia, Fina, Butão, Porto, Marroquina, Rabuda, eram só conhecidas por isso, mais nada.

A Coimbra já é mais recente, antigamente só havias as outras e as grandes, mas era tal dificuldade porque não havia madeira. Quando andavam nos pinhais a fazer tábuas dos pinheiros, é que aproveitavam a parte de fora, chamamos nós uma costaneira, e aproveitavam isso para as colheres grandes.

Eu já fiz colheres com 2,20 m, para os estudantes, para as tunas principalmente. Tenho um cliente que quantas eu fizer, quantas ele compra. A partir de 1,50 ou 1,80, ele diz-me muita vez:

"Trabalha para mim o ano todo, que eu compro-tas todas".

E quanto custa uma dessas?

Custam 18 ou 20 euros para revenda, se formos nós aqui a vender cobramos 25 a 30€.

E agora com a dificuldade da madeira, tem de se acertar preços.

Aliás, eu já mandei tabelas para clientes, porque não há madeira, ela é cara e tem de se subir qualquer coisa.

A maior parte das colheres é para usar na cozinha ou são para decoração?

Até à 60 é tudo para usar. Escoa-se nas feiras, nas grandes superfícies não se encontra. Há um cliente que ainda gasta para as grandes superfícies, mas hoje já vai muito para o estrangeiro.

Não que eu venda diretamente para o estrangeiro, mas tenho um cliente que me gasta 70 a 80% do que faço e arranjo. Esse cliente diz-me que a maior parte da nossa colher vai para Espanha. Este cliente compra metade da produção de nós três, à vontade.



A madeira que é utilizada é de pinheiro?

Sim é pinho, por isso ficámos aqui com uma dificuldade muito grande, porque de 2017 para cá ficámos sem matéria-prima para trabalhar e isso acabou mesmo com os artesãos. Não há, não há matéria-prima.

De onde é que vem a madeira agora?

Eu ainda tenho andado a fazer um pinheirito ou outro que ficou verde ou que agora com o tempo veio a secar e que ainda dá para trabalhar.

Mas para colheres grandes, vai-se buscar à serração, como já se ia antes, só que antigamente nós chegávamos lá e arranjavamos facilmente, hoje não.

Hoje se for preciso estamos meses à espera, eu por exemplo há cinco meses que não vou buscar uma falheira grande para fazer colheres grandes, porque não as há.

O que é uma falheira?

É a tal madeira para as colheres grandes, é a parte de fora do pinheiro que tem 2,20 m ou 2,60 m, do tronco. Neste momento não tem havido.

A colher quando é trabalhada é uma peça de madeira única?

Sim, é uma peça única, as maiores é um bocado de tronco. Os ramos não dão para trabalhar, não se aproveitam, nem para as pequeninas.



Figura 9 - José Pinheiro a demonstrar a feitura de colheres no cepo

Há quem diga que a União Europeia proibiu as colheres de pau, isso é verdade?

Não! Não foi nada proibido, foram os interesses económicos instalados que levantaram esse boato.

E quem deu cabo de muitos postos de trabalho foi o Sr. X, não posso com esse homem nem por nada. Esse Senhor veio ao Piódão fazer um programa de televisão, nessa altura foi lá o meu pai fazer uma demonstração de colheres de pau, e ele pôs as colheres de pau debaixo do tapete.

Infelizmente estava lá o Presidente da Câmara de Arganil e não teve a hombridade de se levantar e dizer: "Não, não, alto lá!".

Esse Sr. X arrasou as colheres, a partir daí... Disse que elas eram proibidas na restauração e que deixavam falhas.

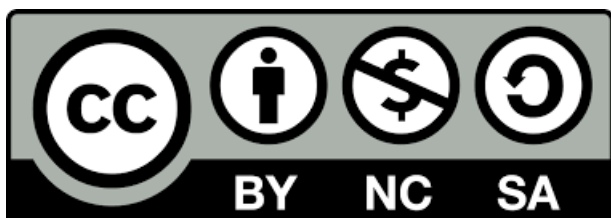
Nós, a partir daí, íamos para uma feira de artesanato e não se vendia uma colher das nossas. Veio daí.

Por causa disso é que, depois, o Cozinheiro Michel e o presidente da ARESPO vieram fazer uma campanha a defender as colheres de pau. O que aconteceu foi por haver outros interesses, industriais. Também quiseram acabar com as tábuas de madeira, com os cabos das facas, etc.

Isso já lá vai, hoje a maior dificuldade é o fogo... a falta da madeira... essa é a dificuldade das colheres e vai acabar com isto.

Não vai ser fácil manter a tradição. Olhe, deixou de haver matéria-prima, deixou de haver ferreiros para fazer as ferramentas - quem tem tem, quem não tem também já não arranja - e não se consegue a tempra em condições... A tempra é dar no aço com corte muito bom, mas não há quem faça.

Ou seja, é uma arte que vai acabar. Mais meia dúzia de anos e acaba.



Uma produção EVA CARTONERA

em parceria com a

ADA0 - Associação de Desenvolvimento
de Artes e Ofícios

